

## A ALMA DO VINHO (*Charles Baudelaire*)

---

A alma do vinho assim cantava nas garrafas:  
"Homem, ó deserdado amigo, eu te compus,  
Nesta prisão de vidro e lacre em que me abafas,  
Um cântico em que há só fraternidade e luz!

"Bem sei quanto custou, na colina incendiada,  
De causticante sol, de suor e de labor,  
Para fazer minha alma e engendrar minha vida;  
Mas eu não hei de ser ingrato e corruptor,

"Porque eu sinto um prazer imenso quando baixo  
À goela do homem que já trabalhou demais,  
E sei peito bastante é doce tumba que acho  
Mais propícia ao prazer que as adegas glaciais.

"Não ouves retirar a domingueira toada  
E esperanças chalar em meu seio, febris?  
Cotovelos na mesa a manga arregaçada,  
Tu me hás de bendizer e tu serás feliz:

"Hei de acender-te da esposa embevecida;  
A teu filho farei a força e a cor  
E serei para tão terno atleta da vida  
Como o oleo e os tendões enrija ao lutador.

"Sobre ti tombarei, vegetal ambrosia,  
Grão precioso que lança o eterno semeador,  
Para que enfim do nosso amor nasça a poesia  
Que até Deus subirá como uma rara flor!"

## A Alma do Outro Mundo (*Charles Baudelaire*)

---

Como os anjos de ruivo olhar,  
À tua alcova hei de voltar  
E junto a ti, silente vulto,  
Deslizarei na sombra oculto;

Dar-te-ei na pele escura e nua  
Beijos mais frios que a lua

E qual serpente em náusea fossa  
Te afagarei o quanto possa.

Ao despontar o dia incerto,  
O meu lugar verás deserto,  
E em tudo o frio há de se pôr.

Como os demais pela virtude,  
Em tua vida e juventude  
Quero reinar pelo pavor.

## **A Beleza** (*Charles Baudelaire*)

---

Eu sou bela, ó mortais! como um sonho de pedra,  
E meu seio, onde todos vem buscar a dor,  
É feito para ao poeta inspirar esse amor  
Mudo e eterno que no ermo da matéria medra.

No azul, qual uma esfinge, eu reino indecifrada;  
Conjugo o alvor do cisne a um coração de neve;  
Odeio o movimento e a linha que o descreve,  
E nunca choro nem jamais sorrio a nada.

Os poetas, diante do meu gesto de eloquência,  
Aos das estátuas mais altivas semelhantes,  
Terminarão seus dias sob o pó da ciência;

Pois que disponho, para tais dóceis amantes,  
De um puro espelho que idealiza a realidade.  
O olhar, meu largo olhar de eterna claridade!

## **AS JÓIAS** (*Charles Baudelaire*)

---

A amada estava nua e, por ser eu seu amante,  
Das jóias só guardara as que o bulício inquieta,  
Cujo rico esplendor lhe dava esse ar triunfante  
Que em seus dias de glória a escrava moura afeta.

Quando ela dança e entorna um timbre acre e sonoro,  
Este universo mineral que à luz figura  
Ao êxtase me leva, e é com furor que adoro

As coisas em que o som ao fogo se mistura.

Ela estava deitada e se deixava amar,  
E do alto do divã, imersa em paz, sorria  
A meu amor profundo e doce como o mar,  
Que ao corpo, como à escarpa, em ondas lhe subia.

O olhar cravado em mim, como um tigre abatido,  
Com ar vago e distante ela ensaiava poses,  
E o lúbrico fervor à candidez unido  
Punha-lhe um novo encanto às cruéis metamorfoses.

E sua perna e o braço, a coxa e os rins, untados  
Como de óleo, imitar de um cisne a fluida linha,  
Passavam diante de meus olhos sossegados;  
E o ventre e os seios, como cachos de uma vinha,

Se aproximavam, mais sutis que Anjos do Mal,  
Para agitar minha alma enfim posta em repouso,  
Ou arrancá-la então a rocha de cristal  
Onde, calma e sozinha, ela encontra pouso.

Como se a luz de um novo esboço, unidade eu via  
De Antíope a cintura a um busto adolescente,  
De tal modo que os quadris moldavam-lhe a bacia.  
E a maquilagem lhe era esplêndida e luzente!

- E estando a lamparina agora agonizante,  
Como na alcova houvesse a luz só da lareira  
Toda vez que emitia um suspiro faiscante,  
Inundava de sangue essa pele trigueira.

## **As Litânias de Satã** (*Charles Baudelaire*)

---

Ó tu, o Anjo mais belo e também o mais culto,  
Deus que a sorte traiu e privou do seu culto,  
Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Ó Príncipe do exílio a quem alguém fez mal,

E que, vencido, sempre te ergues mais brutal,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que vês tudo, ó rei das coisas subterrâneas,  
Charlatão familiar das humanas insânias,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que, mesmo ao leproso, ao paria infame, ao réu  
Ensinas pelo amor às delícias do Céu,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que da morte, tua velha e forte amante,  
Engendraste a Esperança, - a louca fascinante!

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que dás ao proscrito esse alto e calmo olhar  
Que faz ao pé da forca o povo desvairar,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que sabes onde é que em terras invejosas  
O Deus ciumento esconde as pedras preciosas.

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu cuja larga mão oculta os precipícios,  
Ao sonâmbulo a errar na orla dos edifícios,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que, magicamente, abrandas como mel  
Os velhos ossos do ébrio moído num tropel,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu, que ao homem que é fraco e sofre deste o alvitre  
De poder misturar ao enxofre o salitre,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que pões tua marca, ó cúmplice sutil,  
Sobre a fronte do Creso implacável e vil,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Tu que, abrindo a alma e o olhar das raparigas a ambos  
Dás o culto da chaga e o amor pelos molambos,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria!

Do exilado bordão, lanterna do inventor,  
Confessor do enforcado e do conspirador,

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria !

Pai adotivo que és dos que, furioso, o Mestre  
O deus Padre, expulsou do paraíso terrestre

Tem piedade, ó Satã, desta longa miséria !

---

### Oração

Glória e louvor a ti, Satã, nas amplidões  
Do céu, em que reinaste, e nas escuridões  
Do inferno, em que, vencido, sonhas com prudência!  
Deixa que eu, junto a ti sob a Árvore da Ciência,  
Repouse, na hora em que, sobre a fronte, hás de ver  
Seus ramos como um Templo novo se estender!

### **A VIDA ANTERIOR**(*Charles Baudelaire*)

---

Muito tempo habitei sob átrios colossais  
Que o sol marinho em labaredas envolvia,  
E cuja colunata majestosa e esguia  
À noite semelhava grutas abissais.

O mar, que do alto céu a imagem devolve,  
Fundia em místicos e hieráticos rituais  
As vibrações de seus acordes orquestrais  
À cor do poente que nos olhos meus ardia.

Ali foi que vivi entre volúpias calmas,  
Em pleno azul, ao pé das vagas, dos fulgores,  
E dos escravos nus impregnados de odores,

Que a fronte me abanavam com as suas palmas,  
E cujo único intento era o de aprofundar  
O oculto mas que me fazia definhar

## **A SERPENTE QUE DANÇA** (*Charles Baudelaire*)

---

Em teu corpo, lânguida amante,  
Me apraz contemplar,  
Como um tecido vacilante,  
A pele a faiscar.

Em tua fluida cabeleira  
De ácidos perfumes,  
Onde olorosa e aventureira  
De azulados gumes,

Como um navio que amanhece  
Mal desponta o vento,  
Minha alma em sonho se oferece  
Rumo ao firmamento

Teus olhos que jamais traduzem  
Rancor ou doçura,  
São jóias frias onde luzem  
O ouro e a gema impura.

Ao ver-te a cadência indolente,  
Bela de exaustão,  
Dir-se-á que dança uma serpente  
No alto de um bastão.

Ébria de preguiça infinita,  
A fronte de infanta  
Se inclina vagarosa e imita  
A de uma elefanta.

E teu corpo pende e se aguça  
Como escuna esguia,  
Que às praias toca e se debruça  
Sobre a espuma fria.

Qual uma inflada vaga oriunda  
Dos gelos frementes,

Quando a água em tua boca inunda  
A arcada dos dentes

Bebo de um vinho que me infunde  
Amargura e calma,  
Um líquido céu que se difunde  
Astros em minha alma!

## **REMÓRSO PÓSTUMO** (*Charles Baudelaire*)

---

Quando fores dormir, ó bela tenebrosa,  
Em teu negro e mamóreo mausoléu, e não  
Tiveres por alcova e refúgio senão  
Uma cova deserta e uma tumba chuvosa;

Quando a pedra, a oprimir tua carne medrosa  
E teus flancos sensuais de lânguida exaustão,  
Impedir de querer e arfar teu coração,  
E teus pés de correr por trilha aventureira,

O túmulo, no qual em sonho me abandono  
- Porque o túmulo sempre há de entender o poeta -,  
Nessas noites sem fim em que nos foge o sono,

Dir-te-á: "De que valeu, cortesã indiscreta,  
Ao pé dos mortos ignorar o seu lamento?"  
- E o verme te roerá como um remorso lento

## **Perfume Exótico** (*Charles Baudelaire*)

---

De olhos fechados, quando, alta noite, no outono,  
respiro o cheiro bom dos teus seios fogosos,  
Vejo entreabrir-se além de cenários deleitosos  
Cintilando o ardor de um sol morno de sono:

Uma ilha preguiçosa e molenga e sem dono  
Em que há árvores ideais e frutos saborosos;  
Homens de corpos nus, finos e vigorosos,

Mulheres cujo olhar tem franqueza e abandono.

Guiado por teu perfume às paragens mais belas  
Vejo um porto arquejar de mastros e velas  
Ainda tontos talvez da vaga alta que ondula

Enquanto um verde aroma dos tamarineiros,  
Que passeia pelo ar que aspiro com gula,  
Se mistura em minha alma à voz dos marinheiros.